



## **Recurso didático-teológico para a Campanha Pelos 16+5 Dias de Ativismos pelo Fim da Violência contra as Mulheres.**

### **Comissão Nacional de Incidência Pública, Direitos Humanos e Combate ao Racismo:**

Instância provincial de nossa IEAB, composta por representantes das três áreas provinciais,  
que tem como atribuições:

1. Assessorar à Secretaria Geral e às diversas instâncias provinciais sobre os temas correlatos;
2. Representar a IEAB em eventos cujos temas forem correlatos ao nome da Comissão;
3. Elaborar ou divulgar subsídios existentes sobre os temas correlatos;
4. Sensibilizar e mobilizar as áreas provinciais a estudarem a correlação das Cinco Marcas da Missão com os temas da Comissão;
5. Adotar as demandas do último Sínodo Geral, promovendo recursos didático-teológicos para a IEAB;
6. Promover e/ou divulgar campanhas educativas sobre os temas correlatos à defesa dos Direitos Humanos, a partir do enfrentamento ao racismo, ao sexismo e à lgbtfobia;
7. Aproximar-se, através de permanente diálogo, das instâncias diocesanas de cada área, para articular e mobilizar ações que promovam a dignidade humana como a plenitude de vida anunciada por Jesus Cristo.

#### Composição da Comissão:

Bispo Dr. Humberto Maiztegui - Diocese Meridional  
Revda. Dra. Lilian Conceição da Silva - Diocese Meridional  
Dr. Daniel Souza - Diocese Anglicana de São Paulo  
Rev. Luiz Carlos Gabas - Diocese Anglicana do Paraná

Rev. Dr. Adriano Portela – Diocese Anglicana do Recife

## **PELA PLENITUDE DE VIDA PARA MULHERES E MENINAS**

*Eu vim para que tenham vida, e vida em abundância. (João 10:10b).*

*NOTA: O presente texto é uma junção, com adaptações, de breves textos escritos para o site do Centro de Estudos Anglicanos (CEA) em 2018, pela Profa. Me. Ilcélia A. Soares, Diocese Anglicana do Recife; e pela Revda. Dra. Lilian Conceição da Silva, Diocese Meridional, às quais agradecemos pela autorização de adotarmos e adaptarmos para esta oferta à IEAB.*

### **CONTEXTUALIZAÇÃO**

A Missão é de Deus. A tarefa da Igreja na Missão de Deus é EVANGELIZAR. Para a Comunhão Anglicana, da qual nossa IEAB é uma das Províncias, a tarefa de evangelizar se configura a partir das CINCO MARCAS DA MISSÃO:

1. Proclamar as Boas Novas do Reinado de Deus;
2. Ensinar, batizar e nutrir os novos crentes;
3. Responder às necessidades humanas com amor;
4. Procurar a transformação das estruturas injustas da sociedade, desafiar toda espécie de violência, e buscar a paz e a reconciliação;
5. Lutar para salvaguardar a integridade da Criação, sustentar e renovar a vida da terra.

**Como povo anglicano, nossa vida cotidiana deve testemunhar estas Marcas em tudo que dizemos e fazemos.**

O título escolhido para este texto anuncia o desafio permanente para o total êxito do testemunho para o qual somos chamados e chamadas a ofertar ao mundo: **Jesus veio para ofertar vida plena e abundante para todas as pessoas.** Mas **o que significa vida abundante?** Ou ainda, **o que significa plenitude de vida?**

Para responder esta pergunta recomendamos a leitura do texto do Evangelho João 10:7-18. De modo objetivo, depois de ler o texto indicado, que respostas são possíveis para as questões propostas?

Vemos no texto que vida em abundância ou plenitude de vida é o oposto de “roubar, matar e destruir” (ações dos ladrões, assaltantes e mercenários, como bem denuncia o texto).

No cotidiano das mulheres, muitas têm sido roubadas de si mesmas, destruídas no seu direito a dignidade de vida e até mesmo têm sido mortas por homens que se arvoram ao direito de apropriarem-se, violentamente, das mulheres, como se estas fossem suas propriedades; coisificando-se como se fossem objetos sem valor.

No cotidiano da vida pastoral e no consultório de psicologia são incontáveis os relatos de mulheres cujas vidas lhes foram roubadas desde as relações parentais, marcadas por uma cultura que as inferiorizou, ensinando, muitas vezes, que elas são menos importantes do que os homens.

Os aprendizados sobre a fragilidade das meninas/gurias e a força dos meninos/guris é uma primeira equívoca lição de uma educação desigual imposta às meninas e aos meninos. Não apenas as meninas sofrem com isto, também os meninos sofrem. Afinal, a pseudo fortaleza cobrada dos meninos, causa-lhes muitas frustrações que se não forem administradas, potencializarão às atitudes violentas por ele aprendidas desde cedo, de usarem seus corpos como instrumentos de imposição sobre outros corpos, principalmente os corpos das meninas.

Nos espaços religiosos essa desigualdade na educação de meninas e meninos impõe extremas condições de subalternidade para as meninas, as adolescentes, as jovens e as mulheres. Mesmo que elas sejam maioria nas comunidades religiosas (principalmente nas comunidades cristãs), historicamente são os homens que ocupam lugares de destaque e de liderança institucional.

Embora reconheçamos que na atualidade as mulheres de nossas Igreja conquistaram espaços e direitos historicamente negados socialmente fora e dentro da Igreja, seja necessário lembrar a importância da paridade de gênero na composição nas diversas instâncias.

As eleições e sagrações de mulheres ao episcopado, oportuniza que também as mulheres participem da Câmara Episcopal. Mas não nos conformemos com a afirmação de que há 34 anos nossa IEAB ordena mulheres, quando bem sabemos que as condições para o exercício do mesmo e único ministério, que é de Cristo, no cotidiano da vida, não oportuniza as mesmas condições para homens e mulheres. As desigualdades existentes têm sido a principal pauta nos encontros e retiros das mulheres nas dioceses e em toda a IEAB.

É necessário que entendamos que esta realidade também é consequência das desigualdades de gênero que temos sido educadas e educados; reflexo da misoginia - repulsa, desprezo ou ódio contra as mulheres-, que no cotidiano se apresenta de inúmeras

formas, inclusive no cerceamento, no silenciamento, no menosprezo de ideias e ações, na invisibilização, na subestimação, e de tantos outros modos.

**Foquemos, a partir de agora, nos casos mais comuns de violências contra as meninas e mulheres de comunidades religiosas:**

1. quando educamos as meninas/gurias para o casamento e para a maternidade como metas e não como opções, ignoramos que sua existência plena como pessoa independe dessas condições. No entanto, para os meninos/guris, o casamento e a paternidade, como podemos atestar cotidianamente, não é um aprendizado imposto;
2. quando definimos e impomos cores, brinquedos, brincadeiras específicas para um e para outra, perpetuamos as desigualdades;
3. quando adotamos a prática de tratar as meninas como bibelôs frágeis, ornando-as como se fossem objetos decorativos para exposição permanente; comumente cobramos delas que estejam sempre “arrumadas”, “belas”; enquanto aos meninos o despojamento no trajar e na aparência oportunizam mais “liberdade” até mesmo para correrem livremente;
4. quando presenteamos desigualmente às meninas e aos meninos com brinquedos que contribuem para a perpetuação dos aprendizados sobre os papéis culturais esperados de cada qual;
5. quando repetimos ditados desumanizantes como “prendam suas cabras que o meu bode está solto”. O ideal seria dizer, deixem livres suas cabras pois meu bode aprendeu a respeitá-las;
6. quando elegemos prioritariamente os homens para os conselhos de missões, as juntas paroquiais, o conselho diocesano etc.;
7. quando priorizamos textos bíblicos machistas para momentos evangelísticos como casamentos, encontros matrimoniais e encontros de casais;
8. quando não buscamos ser comunidades de fé seguras para as mulheres compartilharem suas vivências;
9. quando insistimos na danosa reprodução de falas e comportamentos estereotipados dentro e fora da Igreja. Por exemplo, diante de notícias de violências, a insistência em perguntas ou afirmações tais como: “que roupa ela estava usando?”; “isso era hora de uma mulher de respeito estar na rua?”; “o que ela fez?”; “onde ela estava?”; “viu só como ela se veste?”; “ela vive se insinuando” ... dentre tantas outras.

***Entendemos que esta breve lista (somada a outras muitas ações) contribui para a perpetuação e a banalização das violências impostas às mulheres cotidianamente.***

É extremamente importante nos lembrarmos de um princípio da antropologia teológica comum a várias tradições cristãs (Gênesis 1:27): **mulheres e homens foram criados à imagem e à semelhança de Deus**. De modo que as violências que acometem às mulheres também acometem a Deus, pois assim como os homens, também as mulheres são corpos e moradas do Espírito Santo (1 Coríntios 6:19,20).

## **RECONTEXTUALIZAÇÃO**

A cultura patriarcal, que privilegia os homens em detrimento das mulheres; com fortes marcas misóginas e sexistas, tem situado o Brasil como o 7º país no *ranking* da violência contra as mulheres no mundo.<sup>1</sup>

Os “16 dias de ativismo pelo fim da violência contra as mulheres” teve início em 1991, quando mulheres, reunidas pelo Centro de Liderança Global de Mulheres (CWGL), promoveram debates e formalizaram denúncias sobre as formas de violências que mulheres e meninas em todo o mundo têm sofrido. A Campanha ganhou adesão mundial e acontece anualmente do dia 25 de novembro a 10 de dezembro, com o propósito de mobilizar e engajar diversos atores da sociedade civil organizada e o poder público.

O Brasil aderiu à campanha em 2003, onde passou a ser chamada 16+5 ao acrescentar o dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. A data foi incorporada à Campanha para denunciar a intersecção de gênero e raça, que torna as mulheres negras mais vulneráveis à violência.

A Campanha agrega datas específicas de cada país nos quais ela acontece. O Brasil, por exemplo, apresenta um calendário de lutas e mobilizações que tem por objetivo promover espaços de diálogos, fortalecendo laços para a denúncia e o enfrentamento das violências vividas pelas mulheres e que começa no dia 20 de novembro (**Consciência Negra**) e se estende até 10 de dezembro (**Declaração Universal dos Direitos Humanos**).

Os 16+5 dias de ativismos compõem um período com cinco datas emblemáticas na luta pelos Direitos Humanos. É importante que mulheres e homens de todas as idades se envolvam nessa mobilização, compreendendo que essa é uma luta de todas as pessoas.

---

<sup>1</sup> WASELFSZ, Julio Jacobo. Mapa da Violência 2012 – Atualização: Homicídios de Mulheres no Brasil. Rio de Janeiro: CEBELA e FLACSO Brasil, 2012. Disponível em: <[http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012\\_mulheres.php](http://mapadaviolencia.org.br/mapa2012_mulheres.php)>. Acesso em: 09 jan.2013.

Diante dessa realidade a IEAB assume o compromisso, em diálogo com as representações diocesanas clericais e leigas, pelo fim da violência contra as mulheres e as meninas, engajando-se nesse enfrentamento e contribuindo com os movimentos sociais, com as organizações não governamentais (ONGs), com os conselhos municipais dos Direitos das Mulheres.

Como pessoas anglicanas, acreditamos e anunciamos a vida plena promovida por Jesus Cristo e entendemos que **só há vida plena quando não há violência**. Assim, as datas dos 16 + 5 dias de ativismo, como seguem, oportunizam-nos aderirmos à Campanha na condição de membros de uma Igreja que busca, permanentemente, dar testemunhos de ser uma “igreja segura” para as mulheres:

### **20 de novembro – Dia Nacional da Consciência Negra.**



Lembramos que em nossa sociedade as mulheres negras ainda são maioria nos casos de violência familiar, obstétrica, doméstica e feminicídio. É fundamental ressaltarmos e denunciarmos que o racismo é violência e é crime. Em 2016, 4.645 mulheres foram assassinadas no Brasil – um total de 4,5 mulheres mortas a cada 100 mil brasileiras. A maioria das vítimas era negra. As informações são do [Atlas da Violência 2018](#), do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Neste mesmo período, a violência contra mulheres negras aumentou em 20 estados brasileiros.

No último Sínodo Geral da IEAB, em junho de 2018, nossa Igreja assumiu como pauta prioritária o enfrentamento ao racismo, acentuando que de 2015 a 2024 estamos na Década Internacional de Afrodescendentes. “Uma Pastoral Negra, que lembre a todas as pastorais e a todas as pessoas a necessidade de enfrentarmos o racismo estrutural, é compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo aqui e agora”, como bem afirma a Revda. Lilian Conceição da Silva, da Diocese Meridional, membro da Comissão Nacional de Incidência Pública, Direitos Humanos e Combate ao Racismo da IEAB, bem como da

Comissão Nacional de Relações Ecumênicas da IEAB, e conclama a todas as pessoas ao “chamado das mulheres negras em nosso Brasil, que desde 2015 nos conclamam a marcharmos contra o racismo, contra a violência e pelo Bem Viver”.

Em várias dioceses no Brasil, desde 2016, a IEAB tem realizado, junto com a ABRAFH "ABRAÇO[2]", um "Ato Interreligioso" voltado especificamente para as pessoas e famílias homo-transafetivas. Com o propósito de reunir várias lideranças religiosas para refletir e dialogar sobre as interfaces das questões próprias da população LGBTI+ nas diversas perspectivas da Fé. Em tempos de intolerância religiosa, o diálogo sempre será um relevante instrumento para a promoção de uma cultura de paz.

### **25 de novembro – Dia Internacional da Não-Violência Contra as Mulheres.**



No que diz respeito à violência de gênero, a IEAB, através do Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento – SADD, assumiu a elaboração das cartilhas e revista como parte, indiscutível de uma conjuntura de diálogos sobre a temática realizados na Comunhão Anglicana desde a Conferência de Lambeth de 1998 a 2008, na qual foi reconhecida a existência da violência dentro e para além da Igreja. A Conferência de Lambeth declarou a necessidade e a importância de “justiça para as mulheres e meninas”.

O Conselho Consultivo Anglicano – CCA, que representa milhões de cristãos e cristãos anglicanos em mais de 165 países, decidiu, em 2009, apoiar a eliminação de todas as formas de violência contra mulheres e meninas e convidou as províncias a engajarem-se em programas e eventos que promovam os direitos das mulheres. Compromisso ratificado na Carta dos Primazes de 2011, para às Igrejas da Comunhão Anglicana. Neste documento bispos e bispas afirmaram: “Nós reconhecemos, com tristeza, que a violência de gênero é um fenômeno global e que a maioria, salvo uma pequena porcentagem, é perpetrada por homens contra mulheres, causando um efeito devastador em indivíduos, famílias e sociedade”.

Uma vez que reconhecem a violência como um fenômeno de abrangência mundial, os bispos e bispas conclamaram as igrejas da Comunhão Anglicana a engajar-se na luta pela erradicação da violência de gênero e assumir a sua responsabilidade na “perpetração de atitudes opressoras contra mulheres e meninas” também no contexto religioso.

**SUGESTÃO: retomar o uso ou adotar o uso e a adaptação das propostas da Cartilha elaborada pelo SADD-IEAB:**



### 1º de dezembro – Dia Internacional de Combate ao HIV/AIDS



Podemos apontar a submissão aos papéis de gênero e a culpabilização como interface da relação que existe entre a violência contra as mulheres e HIV/AIDS. Outra relação que existe entre a violência de gênero e o HIV/AIDS é a violação dos direitos reprodutivos dessas mulheres. Segundo o GTP+, todos os dias 4 pessoas contraem HIV e duas outras pessoas morrem em decorrência do vírus. Existem diversas formas de prevenir o HIV/AIDS, mesmo assim, ele continua sendo uma pandemia, que atinge principalmente mulheres de todas as idades.

As Comunidades de Fé têm se articulado e promovido diálogos sobre o HIV/AIDS em várias dioceses no Brasil. Em agosto de 2014, o SADD lançou a segunda cartilha sobre o enfrentamento à violência de gênero e foi acrescentado nela um encontro sobre “a relação entre Violência de gênero e HIV/AIDS: a feminização da AIDS, com o propósito de colaborar com a discussão sobre a temática.



**SUGESTÃO:** fazer **laços vermelhos** e promover diálogos comunitários sobre sexualidade e direitos sexuais; incluir na liturgia comunitária uma coleta especial em memória às pessoas que vivem com HIV Aids.

**06 de dezembro – Dia Nacional de Mobilização dos Homens pelo Fim da Violência contra as Mulheres**



A Campanha do Laço Branco chegou ao Brasil em 1999, com o objetivo de ampliar a rede. Em 2001 foi realizado o lançamento oficial da Campanha, promovendo diferentes atividades, dentre elas: distribuição de laços brancos, folhetos informativos, realização de eventos públicos, caminhadas, debates. Essas atividades foram desenvolvidas em parceria com diferentes instituições, particularmente organizações do Movimento de Mulheres.

Em 2011, a Igreja Anglicana da África do Sul aderiu à Campanha do Laço Branco. A partir de 2013, algumas dioceses do Brasil, lideranças clericais e leigas engajaram-se na Campanha do Laço Branco e dos 16+5 Dias de Ativismo.

**SUGESTÃO: fazer laços brancos e promover diálogos comunitários sobre os modelos de masculinidades, buscando afirmar os modelos que respeitam a humanidade das mulheres.**

**10 de dezembro – Dia da Declaração Universal dos Direitos Humanos.**



As mulheres continuam tendo seus direitos violados quando sofrem violências. Na última década o Serviço Anglicano de Diaconia e Desenvolvimento-SADD desenvolveu ações vinculadas a Campanha nas Dioceses e no Distrito Missionário. Outras instancias da IEAB, como a UJAB (União da Juventude Anglicana do Brasil), a UMEAB (União das Mulheres Episcopais Anglicanas do Brasil), a Comissão de Incidência Publicas, Direitos Humanos e Combate ao Racismo tem participado dos 16+5 dias de ativismo com iniciativas paroquiais, promovendo rodas de conversas, oficinas, painel sobre a superação da violência contra as mulheres e meninas, sob a inspiração do Evangelho de Jesus, que promove vida plena para todas as pessoas.

**SUGESTÃO: roda de diálogo a partir da exibição do vídeo DIREITOS HUMANOS, disponível em:**  
 <[https://br.video.search.yahoo.com/search/video;\\_ylt=AwrE1xFbLsBd\\_U8ASjz6Qt.;\\_ylu=X3oDMTB0N2Noc211BGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNwaXZz?p=direitos+humanos%2C&fr2=piv-web&fr=mcafee#id=26&vid=29e50b21df4dcbfc11f1d850abdc1b0e&action=view](https://br.video.search.yahoo.com/search/video;_ylt=AwrE1xFbLsBd_U8ASjz6Qt.;_ylu=X3oDMTB0N2Noc211BGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNwaXZz?p=direitos+humanos%2C&fr2=piv-web&fr=mcafee#id=26&vid=29e50b21df4dcbfc11f1d850abdc1b0e&action=view)>.

## PROPOSTA PARA O PERÍODO DA CAMPANHA

### Como IEAB, assumamos o desafio individual e comunitário de:

- a) Identificar na vida comunitária local, quais têm sido as histórias de mulher. Dr. Adriano Portela, da Diocese Anglicana do Recife, membro da Comissão Nacional de Incidência Pública, Direitos Humanos e Combate ao Racismo, elaborou uma enquete sobre “Afrodescendentes na IEAB”. Colabore solicitando e aplicando a enquete em sua realidade diocesana: contatos (71) 98211.6758 e [adrportela@hotmail.com](mailto:adrportela@hotmail.com);
- b) Buscar conhecer e promover a visibilidade do protagonismo de pessoas negras locais (bairro, cidade, estado, país ...). Sugestão: escolher vídeos biográficos dentre os disponíveis em: ([https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vtjkbNEJ8heqqD\\_wrE](https://www.youtube.com/playlist?list=PL20upv2JBXS1z-vtjkbNEJ8heqqD_wrE)>);
- c) Dialogar com as organizações de mulheres negras de sua localidade, para delas ouvir quais têm sido suas pautas, buscando planejar, participar e divulgar agendas positivas em nossas comunidades de fé;
- d) Reconhecer a ideologia de branquitude (imposição do modelo europeu branco como ideal) presente no modo de ler, interpretar e viver os textos bíblicos

(sugestão de vídeo para discussão:

<https://www.youtube.com/watch?v=qdohb2dGBHU>);

- e) Adotar uma hermenêutica bíblica negra que possibilite ampliar a enxergância da comunidade quanto ao racismo e ao sexismo tão presentes nos textos bíblicos e nas tradições cristãs;
- f) Conhecer, respeitar e reconhecer as comunidades de terreiro locais, como lugares de herança da sabedoria ancestral, que reúnem muitas histórias de mulheres negras e seus protagonismos;
- g) Realizar rodas de diálogo sobre os modelos de masculinidades que têm perpetuado a negação da humanidade das mulheres, buscando promover modelos que anunciam que os corpos das mulheres são templos e moradas divinas, assim como os corpos dos homens. (Uma roda de diálogo sobre o filme O SILÊNCIO DOS HOMENS, disponível no Youtube, em: [https://br.video.search.yahoo.com/search/video;\\_ylt=AwrJ7F6CD8Bdc9kAAy3z6Qt.;\\_ylu=X3oDMTB0N2Noc21IBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNwaXZz?p=documentario+o+silencio+dos+homens&fr2=piv-web&fr=mcafee#id=1&vid=42c9b7000d29bd522ce8d22c92ae1e77&action=viw](https://br.video.search.yahoo.com/search/video;_ylt=AwrJ7F6CD8Bdc9kAAy3z6Qt.;_ylu=X3oDMTB0N2Noc21IBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNwaXZz?p=documentario+o+silencio+dos+homens&fr2=piv-web&fr=mcafee#id=1&vid=42c9b7000d29bd522ce8d22c92ae1e77&action=viw)).

## LITANIA PELAS MULHERES E MENINAS DE TODO O MUNDO

Litanista: que a **Ruah** (Deus), Mãe que a todas e a todos gerou, sobre sua graça sobre todas as mulheres. Rogamos!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: em meio ao caos universal, teu sopro divino gerou vida e pariu o mundo do qual somos parte. Louvamos-te, Ruah!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas parteiras, doulas, cuidadoras e todas as pessoas que vivem a diaconia da maternagem. Suplicamos-te!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pela Mãe Terra, *Pachamama*, por nos lembrar da interdependência entre seres humanos e ecossistemas terrestres, lembrando que sendo nós a parte da natureza que tem consciência da existência; sejamos responsáveis pelo uso dos recursos naturais. Rogamos-te!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres e meninas das periferias de nossas ruas, vielas, favelas, grandes centros urbanos, que diariamente enfrentam as constantes tentativas de morte que as práticas machistas lhes impõe. Suplicamos-te!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres de tantas partes do mundo, que recebem a dura tarefa de educar, e, tantas vezes, sem se aperceberem, contribuem com a perpetuação da cultura patriarcal, que divide, separa e hierarquiza as pessoas. Pedimos-te misericórdia!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres jovens, muitas delas mães solteiras; pelas marginalizadas de tantas partes do mundo, que como Maria, tua Mãe, sofrem o peso dos costumes culturais que desumanizam e matam. Rogamos-te!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres refugiadas e imigrantes que buscam refúgio para si e para seus filhos e filhas, fugindo da calamidade e da barbárie da guerra e da destruição. Suplicamos-te!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres palestinas, desterradas, despejadas, vilipendiadas, cujos filhos e filhas veem despatriados e violentamente assassinados pela tirania de Israel. Rogamos-te, misericórdia!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas meninas e mulheres do Oriente Médio e da África, muitas têm sido mutiladas, violadas, e comumente forçadas ao casamento infantil, condenadas a uma vida sem infância, sem prazer, de submissão e desventuras. Misericórdia!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres indígenas, especialmente as ancestrais dessas terras brasileiras, cujas vidas foram dizimadas pela força patriarcal masculina, branca, europeia, classista, colonizadora e escravagista. Cremos na ressurreição!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres lésbicas e trans, que diariamente estremecem diante dos muitos crimes de lgbtfobia, pelas dores de saírem sem a certeza de que voltarão. Pedimos!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres negras cujos passos vem de longe; pela herança ancestral guardada em suas memórias; pelas dores superadas e também pelas dores que ainda pulsam em seus corpos, cujas marcas impostas pelo sexismo, pelo racismo e pela miséria, atravessam sua existência; e que hoje em dia choram o genocídio de seus filhos. Rogamos!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres que vivem em situação de violência doméstica, cujas fragilidades financeira, emocional e afetiva lhes aprisionam em relacionamentos abusivos. Suplicamos!

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres de nossa comunidade de fé, cujos testemunhos de compromisso, lealdade e amorosidade são alimento que alimentam a vida da Igreja. Por elas e por todas nós:

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: pelas mulheres comadres, que vivem a sororidade no exercício mútuo da maternidade, que se acolhem e se alimentam mutuamente de amizade, preenchendo a vida cotidiana de gotas de céu, e criando ambiência para que aqui e agora vivamos experiências do Terreiro de Ruah.

**Responso: ouve-nos, Querida Ruah!**

Litanista: que a Ruah nos inspire a celebrarmos as vidas das mulheres em suas diversidades e em suas especificidades, lembrando que todas e a todos delas nascemos e para a Mãe de todas voltaremos. Acolhe-nos, Ruah!

**Responso: Abençoa, Ruah, a todas as mulheres do passado, do presente e do futuro. Amém! Amem! Amemo-nos!**

**A graça da diversidade é dom de RUAH.**

**Transformemos os pecados do racismo e do patriarcado!**

***Comissão Nacional de Incidência Pública, Direitos Humanos e  
Combate ao Racismo***